

An aerial photograph of a group of approximately 15 people, mostly women, standing in a circle on a reddish-brown dirt ground. They are wearing colorful, patterned dresses and some are holding hands. The ground is marked with a large, stylized sunburst or star pattern made of concentric lines. The text 'PISA, MENINO' is overlaid in large, bold, yellow letters with a brown outline.

PISA, MENINO

UMA ODE AO SAMBA DE COCO RAÍZES DE TUPANATINGA

ZÉ LUIZ DO CANDEEIRO

Zé Luiz do Candeeiro

PISA, MENINO
uma ode ao samba de coco
raízes de Tupanatinga



Mentes Abertas

Copyright © do(s) autor(es) Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos do(s) autor(es).

Conselho Editorial

Prof. Dr. Fábio Marques de Souza (UEPB, Brasil)

Prof. Dr. Flávio José Souza Silva (UPE, Brasil)

Comitê Científico

Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA, Brasil)

Prof. Dr. Christian Fernando dos Santos Moura (IFSP, Brasil)

Profa. Dra. Eva Paulino Bueno (St. Mary's University, Estados Unidos)

Prof. Dr. Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE, Brasil)

Prof. Dr. Marcelo Medeiros (UEPB, Brasil)

Candeeiro, Zé Luiz

Pisa, menino: uma ode ao samba de coco raízes de Tupanatinga / Zé Luiz do Candeeiro. 1 ed. São Paulo: Mentis Abertas, 2026. 32 p.

ISBN 978-65-83023-38-4

1. Poesia brasileira contemporânea 2. Literatura brasileira
3. Cultura brasileira 4. Samba de coco 5. Manifestações culturais populares 6. Cultura popular nordestina I. Título

CDD 894.7
CDU 821.134.3(81)-1

À Marilena que me deu Amarílio
À Amarílio que amou como humus
À Mestra Mariquinha, meu sangue
Aos homens e mulheres pretas
Que vieram do barro
Que pisaram o barro
Que voltaram para o barro
E jazem encantados
Na nossa memória ancestral
Dedico!

SUMÁRIO

Apresentação	7	Pisa, menino	20
Oração pra Mariquinha	9	Vida e morte, Severino	21
Gênesis do Barro	10	Sou Coco	22
Lado B	11	O Barro da vida	23
(R)existência	14	Flor Amarela	24
Samba da vida	15	Alto do Coco	25
Patrimônio Vivo da Cultura de Pernambuco (Mariquinha)	16	Pife em Sol Maior	26
Coco pra meu amor	17	No oco do Coco	27
Raízes de Tupanatinga	18	Coco embolado	28
Cocada	19	Evangelho Segundo Mariquinha	30

APRESENTAÇÃO

POR JOSÉ EDMILSON

O SURGIMENTO DO COCO em nossa região remonta ao período de formação de nossa cidade, quando Tupanatinga ainda era uma pequena vila pertencente ao município de Buíque. As casas, na época, eram simples casebres de madeira e barro, conforme relatam familiares e participantes atuais do Grupo de Samba de Coco Raízes de Tupanatinga.

A história desse movimento cultural se confunde com a própria história do município — uma trajetória de resistência, mas, sobretudo, de amor à arte que o identifica: um verdadeiro fazer cultural. O Samba de Coco não é apenas uma tradição; ele transcende o tempo e revela quem somos. Constrói identidade, preserva a memória do nosso povo, une gerações e nos inspira a construir um futuro sólido, sustentado pelas raízes firmes do passado.

José Luiz Cavalcante, o nosso querido Zé Luiz do Candeeiro, nos apresentava

com este livro que é mais do que uma coletânea de versos: é um registro poético da alma cultural de Tupanatinga.

Nestas páginas, o autor nos convida a mergulhar no universo do Samba de Coco Raízes de Tupanatinga e a conhecer a alma dessa cultura rica e vibrante através das asas de sua poesia. Podemos dizer que se trata de um encontro entre a arte lírica e a arte popular, mas, sobretudo, um encontro de gerações, pois o poeta é filho desta comunidade histórica e cultural.

O poeta Zé Luiz do Candeeiro dá um destaque especial à Mariquinha do Coco, como ele mesmo diz: “Soberana sem ser realeza.” Mestre que representa a força e a guarda viva da cultura tradicional e popular de Tupanatinga. Ela é o próprio coco, mas também dança o Toré, o Reisado e o São Gonçalo. Recentemente, recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco, reconhecimento merecido

por sua trajetória e dedicação.

A história faz justiça também a Severino Carqueijo (in memoriam), que recebeu sua merecida homenagem pelo patrimônio que ajudou a preservar, e ao jovem Manoel do Coco, que hoje carrega a incumbência de fazer o coco continuar...

Ao abrir as primeiras páginas deste livro e mergulhar nas asas da imaginação que o poeta nos oferece, é como ouvir o som das palavras transformadas em tambores e o pisar forte do chinelo no chão — após o grito do mestre:

Pisa, Menino!

Vila de Santa Clara, 10 de outubro de
2025

José Edimilson (Zé de Nica)

ORAÇÃO PRA MARIQUINHA

Ave Maria
Cheia de Graça
De Deus Pai é serva
Do Deus Menino é a mãe
Que roga pelos pecadores
Pisa na cabeça da serpente
Nos livra do mal, amém
Ave, Mariquinha
Cheia de alegria
Filha de Deus Pai, serva de Maria
O Deus menino é tua guia
Cantando pros sambadores
Pisando o coco,
no barro da vida
Nos inspira a bondade
Nos livra da tristeza
de todo mal
e das injustiças.

Ave Maria, rogai por ela
Ave Mariquinha
Roga a Ela, por ti
Pelo samba
E por nós
Amém.

GÊNESIS DO BARRO

No começo era o Barro
Do barro se fez a morada
O chão de barro pisado
É o coco e a sua pisada

No princípio era o Barro
Do barro se fez panela
Era o coco matando a fome
Era a arte nas mãos dela

Antes de tudo era o Barro
Do barro se fez o brinquedo
É o coco trazendo alegria
Revelando o antigo segredo:

“Que viemos do pó.
Que somos poeira!
Ninguém é melhor,
ninguém é pior,
somos grãos de areia
No princípio era o barro
E o barro era o pó
Dele viemos,
a ele voltaremos
Somos todos de barro,
iguais: e só!”

LADO B

I

Sei que não é do seu tempo
Mas lhe peço pra falar
Toda história tem dois lados
É sempre bom escutar
O lado B desse disco
Tentam apagar com risco
Mas eu não vou me calar

II

O B é o barro a pulsar
O barro que é ancestral
Cultura que vem de longe
Aqui virou marginal
Se a praça é do Coronel
Camila vale meu cordel
Meu verso mais especial

III

Quem matou a sede, afinal?
Foi a água que ali brotou
Cacimba centro de tudo
Cacimba o tempo enterrou
Mas o barro inda resiste
É a cultura que existe
Desde que aqui se formou

IV

Santa Clara, clareou
Pela fé iluminada
Nos arredores, tinha coco
Tinha gente segregada
Do carrasco, da caatinga
Filhos de Tupanatinga
Ancestrais nessa morada

V

Do coco se fez a pisada
“De Ocrízio” para Manoel
De Manoel pra Mariquinha
Severino era um menestrel
Coisa boa nasce no ninho
Inspiração para o sobrinho
Também chamado Manoel

VI

Todos têm o seu papel
O dela, é ser rainha
Com fé e com humildade
Ela nunca esteve sozinha
Já nasceu dentro do coco
Toda homenagem é pouco
Nosso “Viva” à Mariquinha

VII

A sua história se alinha
Com a história da cidade
Aqui fincaram morada
Formando a comunidade
Nossas terras cultivando
Seu artesanato criando
Traço da ancestralidade

VIII

O coco é identidade
O samba é a nossa raiz
Quem desconhece o passado
O futuro não lhe condiz
Ele carrega a memória
É parte da nossa história
Receita pra um povo feliz

IX

O barro é nossa matriz
Da história o outro lado
Não quer ser nome de rua
Só pede pra ser respeitado
No coração da caatinga
Raízes de Tupanatinga
O coco é nosso legado

X

Quando disco for virado
E sua história for contada
Veremos Tupanatinga
Ser por todos exaltada
Terra das águas e da fé
De Samba de coco no pé
Numa novena encantada

XI

Se alma foi convidada
Escute o chamado ancestral
Dê a César o que lhe couber
Aqui o legado é cultural
No lado B da história
Mariquinha tem a glória
Patrimônio vivo e atual

XII

Pernambuco é berço imortal
Chegou a hora é teu destino
Somos todos filhos do barro
Desse mesmo chão nordestino
Carrasco virou quilombo
De tanto receber pau no lombo
Gritou mais alto: pisa, menino!

(RE) EXISTÊNCIA

Somos o fruto da diáspora
Arrancados do berço
Sequestrados,
vendidos,
comprados,
humilhados,
estuprados,
torturados,
es-cra-vi-za-dos
Mas escolhemos resistir
Fugimos da senzala
Erguemos o quilombo
Cultivamos a terra
Amassamos o barro
Dançamos o samba
Quebramos o coco
Teimamos em existir
Dos canaviais para universidade
Mas ainda há outros por vir
Como nós, frutos da diáspora

SAMBA DA VIDA

O mundo gira
O samba é de roda
Entra na fila
Vem, vamos pisar
Escuta a roda
Responde o samba
“Comboio de Bixiga”
Pra gente dançar
Me dá sua mão
Eu piso pra dentro,
Tu pisa pra fora
É a vida brincar
Nessa brincadeira
A vida é um samba
O povo sambando
Feliz a rodar

PATRIMÔNIO VIVO DA CULTURA DE PERNAMBUCO (MARIQUINHA)

Pelo barro és nascida e criada
Tu és mulher, és mestra, magistral
Por sua voz, as cantigas cantadas
São toadas do som primordial

És herdeira de um legado ancestral
Ventre do amor, pelo barro forjada
Seu canto tem a essência natural
És o coco, és o samba e a pisada

Soberana sem ser da realeza
Teu vestido é de sonho e bondade
Da humildade ascende tua grandeza

Do Samba de Coco és a rainha
Coroadada pela ancestralidade
Um “viva” a nossa Mestra Mariquinha

COCO PRA MEU AMOR

Segura o coco, meu amor
Segura o coco
Segura o coco, meu amor
Venha pisar
Segura o coco, meu amor
Segura o coco
Segura o coco, meu amor
Vamos dançar
Eu sou coco meu amor
Tu é o samba, venha cá
Entre na roda
Que é pro samba começar
Nessa pisada
Tu por dentro e eu por fora
Meu amor já tá na hora
Desse samba amarrar
Amarra o samba, no trancelim
Esse coco meu amor
É pra tu e para mim
Amarra o samba, no trancelim
O teu cheiro meu amor
Tem o cheiro de jasmim

RAÍZES DE TUPANATINGA

Meus pés são raízes
Que se conectam ao chão
Na pisada do coco
Bate forte o coração
Vestido de roda
É a roda em formação
É o mundo girando
No entrelace de mãos
O coco é a poesia
Em ebulição
E alegria do povo
Pela libertação

COCADA

O amargo da vida
No corte da cana
Da moenda do engenho
A cocada alagoana
Pra sarar as feridas
Uma dança africana
Quebrando coco
Pisando no chão
Subindo a poeira
Começou a brincadeira
O mundo girar
É coco, é cocada
O doce para vida adoçar

PISA, MENINO

Ouvi lá de longe
O pandeiro bater
O ganzá balançar
O coro a responder
A roda a formar
Coração a bater
Já vai começar
Mané vai dizer:
Pisa, menino!

VIDA E MORTE, SEVERINO

O amargor da carqueja,
Curando a gente
A dor do cantador
Que se foi de repente

Ligeiro como no repente
Em vida foi poesia
Na morte deixou saudade
Do samba era a alegria

Severino Carquejo fazia
Pareia com Mariquinha
No Samba ele foi rei
Ela é a nossa rainha

Mas a vida se alinha
Se ajeita, na mudança
É o povo pisando o coco
E o coco é esperança

A vida é uma dança
A morte é destino
No samba de coco
Vida e morte, Severino.

Sou Coco

Eu sou a pisada
Do coco raiz
Sou Tupanatinga
Sou o cantar do concriz

Sou a casa de taipa
De barro erguida
Comunhão de um povo
Lutando pela vida

Eu sou o brinquedo
Passado e presente
O coco é o futuro
A cultura da gente

O BARRO DA VIDA

Na pisada do coco
O barro no pé
O santo é de barro
Levando a fé

No pote de barro
a água esfria
Na mão do oleiro
o barro é poesia

A casa de taipa
de barro erguida
Nanã é o barro
sarando a ferida

Na panela de barro
alimento do “home”
Nas entranhas da gente
o barro é a fome

O barro vermelho
sustenta a raiz
O barro queimado
dispensa o verniz

É o jarro de barro
que abraça a flor
No princípio era o barro
e o barro era o amor

FLOR AMARELA

Pisa, menino!
São Pedro anunciou no monte
O menino Jesus se alegra
O povo se junta aos montes
Só para ela, só para ver ela
Uma flor de cor amarela
Pela rua Santos Dumont

Carrega uma coroa na Fronte
Levando o Cortejo Encantado
Celebrando o menino Jesus
Pelos Reis Magos presenteado
Quem puxa o coro é a rainha
Viva a Mestra Mariquinha
Conduzindo nosso Reisado

Em cada coro entoando
Sanfona, violão e pandeiro
Santa Clara está em festa
Tem zabumba e tem pifeiro
O Reisado é a tradição
Cultura e a devoção
Do Nordeste Brasileiro

Os pastores no terreiro
O contramestre auxilia
É do Rico e do Pobre
O Reisado é epifania
Do povo louvando a Deus
Com os anjos e Mateus
A Mãe do Mundo é Maria

ALTO DO COCO

Sonhei alto?
Ou sonhei pouco?
Sonhei que Tupanatinga
Via no alto do coco
Uma inspiração
Para libertação
Será que estou mouco?
Não me calo, tampouco
Deixo de sonhar
Lá que é o berço ancestral
Da tradição cultural
O quilombo original
Meu grito é rouco?
Talvez esteja louco!
Na terra de um patrimônio vivo
Da cultura de Pernambuco
Ter um lugar
Chamado alto do coco.

PIFE EM SOL MAIOR

Sou aquela melodia
De um passarinho
Cantando no ninho
Sou viola na cantoria

Na novena sou alegria
Sou ronco do trovão
Sou milho e o feijão
Sou a chuva na invernia

Sou aquele que via
O cachorro e a onça
Brigar na geringonça
De um bambu que pia

Sou o som da epifania
Ode à Santa Clara
Sou a rima que não para
Sou o canto que mãe dizia

Sou o pão de cada dia
Nos beijo de mané
Da grande Mestra Zabé
Sopra a vida que queria

Sou o pife que ria
Acordando a cidade
Deixando a saudade
Por todo canto que ia

Sou amor de Maria
Afinado em sol maior
O mundo seria melhor
Se fosse de pife e poesia

No oco do Coco

No oco do Coco
Cabe um mundo
Se quer ver lá no fundo
Fecha teu olho cego
Eu olho e não enxergo
Quem só vê preconceito
Que não entende direito
Onde nasce a poesia
Para ver o sol da cantoria
Abre a janela da alma
Respira, te acalma
Para poder enxergar
É a roda da vida a girar
No coco nosso de cada dia
No fundo do pote, água fria
Matando a sede abissal
Num caldeirão cultural
É o fogo que te chama
Mantendo viva a chama
Da nossa ancestralidade
Que não quer tua piedade
Nem tão pouco tua esmola

O barro ele pisa na sola
Finca o pé e resiste
Que insiste e existe
Que transcende
Respeita e aprende!
Que eu acho é pouco
No oco do coco.

COCO EMBOLADO

Segura menino
Que lá vem pedrada
É o samba de coco
Numa trovoada
Em Tupanatinga
Mané na pisada

Passei no museu
Tomei garrafada
Eu vi o vaqueiro
Cantando toada
Vi Moura Rodrigues
Numa vaquejada

A minha embolada
É feito um rojão
Jogo capoeira
Com nego fujão
Com Pedo de Zeca
Tocando o Baião

A banda de pife
Tem meu coração
Jogo minha rede
Lá no Boqueirão
Quilombo inspira
A minha canção

Da prima ao bordão
A viola sente
Tem dez de galope
E sextilha pra gente
É Rinaldo Aleixo
Fazendo repente

Eu vejo Socorro
Fazendo cordel
Com a prosa seleta
Que faz Samuel
Severino Carquejo
Sorri lá no céu

Se tu quer poeta
Eu tenho sobrando
Edelzito e Elaine
Só rima prestando
Zé de Nica na lista
Jailson Cantando

Bichão, é um artista
Pintando o cenário
Mané de Ocrísio
No imaginário
Valderí é raiz
Seu nome Macário

Ciço de Bambé
Foi nosso sanfoneiro
Eu rodo o mundo
Mas no meu terreiro
Acendo feliz
O meu candeeiro

E pra terminar
Eu não saio linha
Patrimônio vivo
É nossa rainha
No samba de coco
Só tem Mariquinha

EVANGELHO SEGUNDO MARIQUINHA

A Deus não peço nada
Além da saúde, nada mais
Cuido das plantas e dos animais
Na hora do samba, não perco a passada
Na hora da dor
Me lembro que Jesus
Morreu lá na cruz
Por nós, por amor
Por isso eu sigo
Desejando o bem
O mal não me convém
E o samba há de prosperar
Pois se nós “nasceu” para pisar
A gente brinca, a gente pisa.
Mas não pisa, ninguém.

Leia o Q-Code para conhecer a História do Samba de
Coco Raizes de Tupanatinga - PE, no documentário com
roteiro e direção de Zé Luiz Cavalcante.





poeta Zé Luiz do Candeeiro é natural de Tupanatinga – PE. Filho de Seu José Cavalcante e Dona Zita, é sobrinho do Patrimônio Vivo da Cultura de Pernambuco, Mestra Mariquinha do Samba de Coco. Doutor em Ensino de Matemática pela UFRPE, atua como docente na formação de professores que ensinam Matemática na Universidade Estadual da Paraíba, em Monteiro – PB, onde reside com sua família (Ivanize Maria, Ana Luiza e Ana Laura). Como ele próprio afirma, nasceu como José Luiz Cavalcante, mas foi a poesia que o batizou como Candeeiro. Foi essa mesma poesia que o aproximou de sua ancestralidade. O livro *Pisa, Menino!* é uma ode a esse reencontro. Para conhecer mais sobre a obra artística e científica do autor, acesse: www.zeluizdocandeeiro.com.br

Pisa, menino!

ISBN: 978-6-58302-338-4



Acesse
o site do autor!

